

## RESUMO

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Elizia Borges  
Universidade Federal de Goiás – UFG

### **Ressignificações da saudade e da desolação: pranteadoras guardiãs perenes dos túmulos**

Para o momento escolhi falar sobre o tipo de estatuária bastante recorrente em cemitérios brasileiros: as Pranteadoras – mulheres tidas como “belas”, inspiradas no valor da arte clássica. São representações iconográficas que comunicam o sentido do amor universal diante da desventura da morte. Elas convertem-se em guardiãs perenes dos túmulos sempre numa demonstração de carinho à memória do falecido (SALGUEIRO; BUSTOS, 2004). Elas aparecem muitas vezes recebendo denominações alegóricas como da desolação e da saudade. Para os cristãos elas ajudam a fazer a ponte da pessoa para outra vida, assim como os anjos, figuras também bem presentes nos cemitérios. Provavelmente a sua origem advém das carpideiras – mulheres que eram pagas para ritualizar o choro da morte alheia. Tal costume existe desde antes de Cristo, conforme consta na Bíblia. Quanto mais carpideiras fossem contratadas, maior era a importância do falecido. Sabemos também que na Grécia antiga esculpiam-se pranteadoras nas estelas funerárias (CARVALHO,2009). Na versão moderna que hora apresentamos, ela faz parte da inserção do inconsciente coletivo, daquilo que a sociedade burguesa da época (século XX) entendia sobre o papel da mulher diante da morte: uma pessoa ligada às emoções, dócil; hábil para suportar a dor da separação com resignação e serenidade, capaz de consolar os familiares, enfim a representação simbólica da mãe e/ou da viúva que compatibiliza com a espiritualidade do cristianismo e/ou com a retórica política do positivismo. Para tornar mais didática a nossa comunicação vou me deter apenas nas pranteadoras quando elas se tornam o principal alvo das atenções do monumento e quanto as suas posições: aquelas que lamentam seu pranto em pé; hora sentadas e algumas vezes ajoelhadas e deitadas. Sabemos que a abordagem aqui proposta não é suficiente para esgotar a problemática do historiador da arte com a produção artística funerária, todavia possibilita descortinar algumas indagações.